



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	Apresentação
<b>Autor/a</b>	Mariana Teixeira e Arthur Bueno
<b>Tradutor/a</b>	
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.2 n.2, Dossiê Marx & Simmel, 2º semestre de 2018, pp. 06-20
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4312">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4312</a>

Formato de citação sugerido:

TEIXAIRA, Mariana; BUENO, Arthur. “Apresentação. Dossiê Marx & Simmel: 1818-1918-2018”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2 n.2, 2º semestre de 2018, pp. 06-20.

# APRESENTAÇÃO

Dossiê Marx & Simmel: 1818 – 1918 – 2018

Mariana Teixeira e Arthur Bueno

O bicentenário do nascimento de Karl Marx e o centenário do falecimento de Georg Simmel, ambos completados em 2018, apresentam uma ocasião oportuna para a reflexão acerca das relações entre as suas obras e seu significado para a teoria crítica do presente. Desde o início do século 21, e sobretudo a partir da crise financeira de 2008, vimos emergir em diferentes campos um interesse renovado tanto pela crítica marxiana da economia política quanto pela filosofia simmeliana do dinheiro. Esse interesse assumiu, em cada caso, caminhos e ênfases distintos: enquanto a recepção de Simmel focou acima de tudo nos aspectos problemáticos da *experiência* moderna, intensificados no âmbito das formas de individualidade contemporâneas, as reinterpretações de Marx, embora mais numerosas e diversas, tenderam a conferir especial atenção ao caráter *sistêmico* das contradições e crises da ordem capitalista.<sup>1</sup> A despeito da aten-

---

<sup>1</sup>A literatura é, em ambos os casos, abundante. Referiremos aqui somente a alguns exemplos do campo da teoria crítica. No que concerne à recepção de Simmel, cf. Honneth, A., “Organisierte Selbstverwirklichung. Paradoxien der Individualisierung”, in: – (org.), *Befreiung aus der Mündigkeit. Paradoxien des gegenwärtigen Kapitalismus*. Frankfurt am Main/New York: Campus, 2002, p. 141-158; Rosa, H. *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005. No

ção recente concedida às obras de ambos os autores, os vínculos entre suas análises acerca dos problemas da vida moderna permanecem – com exceções importantes, porém ocasionais<sup>2</sup> – insuficientemente explorados.

O fato de as obras de Marx e Simmel poderem ser articuladas em um diagnóstico abrangente da modernidade capitalista não deve surpreender. Desde a publicação por Georg Lukács de *História e da consciência de classe*, em 1923, os potenciais e as dificuldades envolvidos em tal empreitada têm sido objeto de debate. Lukács argumentou, como se sabe, que as análises de Simmel e Weber sobre a vida moderna encontravam seus fundamentos metodológicos adequados numa concepção dialética da história como aquela formulada por Marx – e desenvolvida pelo próprio marxista húngaro – na esteira da tradição filosófica do idealismo alemão. Reexaminados da perspectiva de uma crítica da reificação, os processos de racionalização e objetivação que os fundadores da disciplina sociológica consideraram típicos da vida moderna foram vistos como remontando, em última instância, à forma-mercadoria enquanto “protótipo [*Urbild*] de todas as

---

que diz respeito a Marx, cf. Fraser, N. “Behind Marx’s Hidden Abode: For an Expanded Conception of Capitalism”, *New Left Review* 86, 2014, p. 55-72.

<sup>2</sup> Cf. Frisby, D., “Introduction to the Translation”, in: Simmel, G., *The Philosophy of Money*. London/Boston: Routledge, 1978, p. 1-49; Shad J.A. “The Groundwork of Simmel’s New ‘Storey’ Beneath Historical Materialism”, in: Kaern, M., Phillips, B. S., Cohen, R. S. (orgs.). *Georg Simmel and Contemporary Sociology*. Dordrecht: Springer, 1990, p. 297-317; Lohmann, G. “Die Anpassung des individuellen Lebens an die innere Unendlichkeit der Großstädte. Formen der Individualisierung bei Simmel”, *Berliner Journal für Soziologie*, 1993, p. 153-160; Aldenhoff, R., “Kapitalismusanalyse und Kulturkritik. Bürgerliche Nationalökonomien entdecken Karl Marx”, in: Mommsen, W. J., Hübinger, G. (orgs.). *Intellektuelle im Deutschen Kaiserreich*. Frankfurt am Main: Fischer, 1993, p. 79-94; 218-221.

formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa”.<sup>3</sup> Embora Lukács concebesse esse projeto como uma refundação marxista de análises “burguesas” que teriam permanecido na superfície do fenômeno da reificação, sem “nenhuma tentativa para superar as [suas] formas objetivamente mais derivadas, mais distanciadas do processo vital próprio do capitalismo”,<sup>4</sup> esse esforço não poderia deixar de lançar luz sobre o fato de que as obras de Simmel e Weber *já apresentavam* importantes pontos em comum com a crítica do capitalismo formulada por Marx.<sup>5</sup> Reinterpretando os escritos desses autores como tentativas de oferecer um diagnóstico do “fenômeno ideológico da reificação”,<sup>6</sup> o ensaio lukácsiano indicava que Weber e Simmel, embora lançando mão de arcahouços teóricos distintos, haviam levado adiante em seus escritos as análises marxianas acerca da estrutura fetichista da sociedade capitalista.

Não é necessário destacar o quão crucial foi a articulação entre hegelianismo de esquerda e pensamento social “burguês” para o desenvolvimento posterior do chamado marxismo oci-

---

<sup>3</sup>Lukács, G. *História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista*. Trad. R. Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1923], p. 193.

<sup>4</sup>Lukács 2003 [1923]: 213.

<sup>5</sup>Sobre a articulação da “ciência burguesa” de Max Weber no contexto materialista-dialético do livro de Lukács, cf. Teixeira, M. *Razão e reificação: Um estudo sobre Max Weber em História e consciência de classe, de Georg Lukács*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Campinas: IFCH/Unicamp, 2010. No sentido oposto, um experimento sobre como Weber e Simmel poderiam avaliar a apropriação de suas obras por Lukács pode ser lido em Bueno, A.; Teixeira, M. “Spectres of reification: Weber and Simmel on *History and Class Consciousness*”, *Journal of Classical Sociology*, 17 (2), 2017, p. 101-115.

<sup>6</sup>Lukács 2003 [1923]: 213.

dental e, em particular, da teoria crítica frankfurtiana.<sup>7</sup> Menos reconhecido, porém, é o fato de que o vínculo estabelecido por Lukács entre análise sociológica da modernidade e compreensão dialética da história já era um aspecto fundamental do próprio trabalho de Simmel. Ao passo que procurava distanciar-se do determinismo econômico atribuído então ao materialismo histórico, o autor da *Filosofia do dinheiro* não só incorporou elementos centrais do pensamento de Marx, mas também o fez associando-os a uma interpretação da filosofia hegeliana nos termos de uma dialética permanente entre espírito subjetivo e objetivo.<sup>8</sup> Embora não tenha passado inteiramente despercebida por seus comentadores, essa dimensão dos escritos simmelianos é com frequência obscurecida pela divisão canônica de sua obra em uma fase inicial positivista, um segundo período neo-kantiano e um último momento vitalista. Tal periodização não só se mostrou difícil de sustentar como também pode ser considerada especialmente enganosa em vista da relação de Simmel com a tradição dialética. De início, porque o diálogo – implícito ou

---

<sup>7</sup> Cf. Merleau-Ponty, M. *As aventuras da dialética*. Trad. C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1955]; Jay, M. *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008 [1973].

<sup>8</sup> Cf. em especial “O problema do devir na filosofia hegeliana”, traduzido neste volume. Desde o final da década de 1890, pelo menos, a relação dialética entre objetividade e subjetividade já ocupava um lugar central no diagnóstico simmeliano da modernidade – relação essa que ele via manifestar-se, entre outras formas, na “contradição, urgida por Marx, entre as relações de produção e as forças produtivas da sociedade” (Simmel, G., “Die Bedeutung des Geldes für das Tempo des Lebens”, in: *Georg Simmel Gesamtausgabe*, vol. 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992 [1897], p. 229, tradução nossa). Para uma discussão detida a respeito dos elementos “hegelianizantes” no pensamento de Simmel, cf. Christian, P. *Einheit und Zwiespalt: Zum hegelianisierenden Denken in der Philosophie und Soziologie Georg Simmels*. Berlin: Duncker & Humblot, 1978.

explícito – com Hegel e Marx permeia toda a obra simmeliana e dificilmente pode ser visto como passível de encaixar-se em qualquer um desses três rótulos. Além disso, esse diálogo tornou-se especialmente proeminente nos anos entre a *Filosofia do dinheiro* (1900) e “O conceito e a tragédia da cultura” (1911-12), um período cuja caracterização como “neo-kantiano” equivocadamente minimiza a centralidade dos motivos dialéticos, bem como de conceitos como “alienação” e “fetichismo”, para a filosofia da cultura formulada por Simmel nesse momento.<sup>9</sup> O reconhecimento de tal centralidade permite, assim, lançar nova luz sobre a obra simmeliana: ela não constitui um mero prelúdio, mas antes uma verdadeira antecipação da “re-hegelianização” do marxismo que veio a tomar corpo com *História e a consciência de classe*, de Lukács, e *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch. Mais uma vez, isso não deve nos surpreender: o pensador húngaro não só considerava Simmel “a figura de transição mais significativa e interessante de toda a filosofia moderna”<sup>10</sup> (num percurso que para Lukács conduziria, afinal, a si próprio), mas também afirmou ter lido o *Capital* pela primeira vez “em grande medida pelas lentes metodológicas de Simmel e Max Weber”.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Numa passagem com frequência negligenciada, o próprio Simmel destacou a centralidade da figura do fetichismo para sua compreensão das contradições culturais da modernidade: “O ‘caráter fetichista’ que Marx atribui aos objetos econômicos na época da produção de mercadorias é apenas um caso particularmente modificado desse destino geral dos nossos conteúdos culturais” (Simmel, G., “Der Begriff und die Tragödie der Kultur”, in: *Georg Simmel Gesamtausgabe*, vol. 14. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996 [1911-12], p. 408, tradução nossa).

<sup>10</sup> Lukács, G. “Georg Simmel”. *Dissonância*, n.2 v.2, 2º Semestre 2020

<sup>11</sup> “Prefácio [1967]”, in: Lukács, G. 2003 [1923]: 3.

Se é verdade que a obra de Simmel pode ser interpretada como um momento na história do hegelianismo de esquerda, surge, então, o problema de saber qual seria a sua singularidade no interior dessa tradição. Compartilhando com esta última uma concepção do desenvolvimento histórico como desenrolar de contradições socialmente produzidas, a filosofia de Simmel se distingue, entretanto, por uma ênfase peculiar na dimensão *trágica* desse processo. Diferentemente de Marx e Lukács, ele não antecipava a superação das contradições sociais por meio de uma revolução de classe, mas antes previa sua continuação sob novas formas. As patologias da cultura poderiam ser, no máximo, temporariamente suspensas – por exemplo, em momentos de crise como aquele vivenciado durante a Primeira Guerra Mundial – mas nunca completamente resolvidas. Por isso o pensamento filosófico de Simmel pôde ser visto como assumindo a forma de uma “dialética sem reconciliação”.<sup>12</sup> Isso já se mostra de maneira nítida na *Filosofia do dinheiro*, obra cuja unidade é fornecida pela ideia de que a totalidade da vida (moderna) se manifesta de maneira mais expressiva onde suas oposições chegam à intensidade máxima e se apresentam como contradições não resolvidas. Daí que o dinheiro, onde “a oposição entre o aparentemente mais superficial e inessencial e a substância interior da vida é tensionada ao extremo”, pudesse aparecer nesse contexto como o “símbolo das formas essenciais de movimento [do mundo]”.<sup>13</sup> Examinar as contradições da forma monetária

---

<sup>12</sup> Landmann, M. “Einleitung”, in: Simmel, G. *Das individuelle Gesetz: philosophische Exkurse*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1968, p. 16.

<sup>13</sup> Simmel, G. *Philosophie des Geldes*, in: *Georg Simmel Gesamtausgabe*, vol. 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989 [1900-07], p. 12.

significava, no mesmo passo, explorar as contradições intrínsecas à vida moderna.<sup>14</sup> Essa perspectiva dialética se manteve na metafísica da vida que Simmel veio a formular nos anos 1910, sobretudo a partir de “O conceito e a tragédia da cultura”, e que ganhou forma acabada nos seus dois últimos livros: *Rembrandt* (1916) e *Intuição da vida* (1918). Ao longo dessa década, porém, a filosofia simmeliana passou a ser tingida por elementos provenientes de seu interesse crescente (ainda que já presente em seus escritos anteriores) pelas obras de Schopenhauer, Nietzsche e Bergson. A chave para compreender a vida moderna não foi mais localizada nas contradições internas às formas espirituais – como a monetária –, mas sim na dinâmica mais abrangente, e igualmente contraditória, entre a *determinidade* das formas e a *indeterminidade* da vida. Ao passo que esse movimento abriu espaço no pensamento do autor para maneiras (sobretudo artísticas) de escapar às contradições formais da modernidade apontadas em suas análises do dinheiro, a dialética simmeliana manteve-se trágica na medida em que para ele, ao fim e ao cabo, não haveria como evitar o retorno às tensões nunca resolvidas entre a fluidez da vida e a solidez das formas.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Sobre isso, cf. Bueno, A. “Economic Pathologies of Life”, in: Fitti, G. (org.). *International Handbook of Simmel Studies*. London: Routledge, 2020, p. 336-349.

<sup>15</sup> A concomitância de concepção dialética da história, com seu foco nas contradições socialmente engendradas, e de motivos filosóficos vitalistas, com sua ênfase na indeterminidade dos processos vitais, é um dos aspectos mais mal compreendidos da obra de Simmel. É também essa concomitância que torna sua filosofia ao mesmo tempo valiosa e incômoda para a primeira geração da teoria crítica. Disso testemunham os comentários altamente ambivalentes de Horkheimer em *Eclipse da Razão*, numa passagem em que se trata de argumentar que Simmel, de maneira similar a Dewey e Bergson, teria falhado em conceber dialeticamente a oposição entre natureza e espírito: “Georg Simmel desenvolveu a doutrina da capacidade da vida em transcender a si mesma. Contudo, o conceito de vida que subjaz a todas essas filosofias denota um âmbito da natu-

Há, além disso, outra dimensão do trabalho de Simmel que não só o singulariza em relação a Marx e Hegel, mas também o torna particularmente relevante para o nosso momento atual. Mais do que qualquer outro teórico social de sua época, ele se propôs a articular um diagnóstico das contradições da modernidade nos termos de suas implicações sócio-psicológicas, resultando no que mais tarde foi visto como uma “descrição fenomenologicamente precisa do estilo de vida moderno”.<sup>16</sup> Esse é um aspecto que não passou despercebido pelos contemporâneos de Simmel, e que definitivamente afetou a forma como sua relação com Marx foi compreendida. Com efeito, não foi preciso esperar a publicação de *História e consciência de classe* para que as conexões entre Simmel e Marx viessem a debate. Poucos anos após a publicação da *Filosofia do dinheiro*, Rudolf Goldscheid observou como o livro formava “uma correlação muito interessante com o *Capital* de Marx” na medida em que muitas de suas passagens podiam ser lidas “como uma tradução das considerações econômicas de Marx para a linguagem da psicologia”.<sup>17</sup> Mais do que apenas uma reiteração da teoria de Marx em uma terminologia distinta, a abordagem de Simmel acerca da economia monetária foi vista como abrindo novos caminhos: “Assim como não há dúvidas de que a *Filosofia do dinheiro* não poderia

---

reza. Mesmo quando o espírito é definido como o estágio mais elevado da vida, como na teoria metafísica de Simmel, o problema filosófico é ainda assim decidido em favor de um naturalismo refinado, contra o qual a filosofia de Simmel é, ao mesmo tempo, um protesto constante” (Horkheimer, M. *Eclipse of Reason*. London/New York: Continuum, 2004 [1947], p. 117, tradução nossa).

<sup>16</sup> Habermas, J. “Simmel als Zeitdiagnostiker”, in: Simmel, G. *Philosophische Kultur*. Berlin: Wagenbach, 1983, p. 249, tradução nossa.

<sup>17</sup> Goldscheid, R. “Jahresbericht über Erscheinungen der Soziologie in den Jahren 1899-1904”, *Archiv für systematische Philosophie* 10, 1904, p. 397, tradução nossa.

ter sido escrita se não tivesse sido precedida pelo *Capital* de Marx, é igualmente decisivo ressaltar que o livro de Simmel contém uma suplementação da obra de vida de Marx como não existiu na ciência social até o momento nem de modo rudimentar”.<sup>18</sup> Mesmo assim, Goldscheid reprovou Simmel por não ter abordado mais explicitamente sua relação com o autor do *Capital*. Apesar de “uma infinidade de paralelos muito interessantes entre a teoria de Marx sobre o capitalismo e as teorias de Simmel sobre o relativismo do dinheiro”, conclui ele, “é um erro do livro de Simmel confrontar Marx muito pouco”.<sup>19</sup>

A tarefa de estabelecer esse confronto foi, assim, em grande medida legada a nós. Uma série de questões então se coloca: em que medida as investigações simmelianas sobre o dinheiro complementam, ampliam, ou contradizem as análises marxianas sobre o capital? Seus diferentes pressupostos filosóficos e metodológicos constituem um obstáculo para o diálogo produtivo entre seus argumentos? Como conciliar as análises marxianas focadas na luta de classes e na exploração com a ênfase simmeliana em patologias sociais que afetam os indivíduos modernos em seu conjunto? De que maneira suas perspectivas marcaram a história da teoria crítica no século passado e como podem se tornar relevantes para os debates contemporâneos?

Os artigos do presente dossiê abordam esses e outros aspectos da relação entre Marx e Simmel. No artigo convidado “A ambivalência da indiferença na sociedade moderna”, Georg

---

<sup>18</sup> Goldscheid 1904: 398, tradução nossa.

<sup>19</sup> Goldscheid 1904: 411, tradução nossa.

Lohmann (Otto von Guericke Universität Magdeburg) revisita seu texto de 1993 em que trata do fenômeno da *indiferença* como uma característica central do diagnóstico da modernidade de ambos os autores. A análise marxiana e simmeliana desse fenômeno – ligado, por exemplo, às categorias de alienação, reificação e objetivação – é ambivalente e, segundo o autor, justamente por isso mantém-se até os dias de hoje altamente produtiva para um diagnóstico do tempo presente.

Lionel Lewkow (Universidad de Buenos Aires) discute, no artigo “Entre Marx e Bourdieu”, como noções de diferenciação e desigualdade, conceitos-chaves para a teoria sociológica, adquirem uma interpretação cultural na obra de Simmel. Para isso, o autor traça as afinidades entre as teorias simmeliana, marxiana e bourdieusiana da estratificação social e aponta o papel do conceito de classe social, categoria analítica central desde Marx, na teoria da estratificação social de origem simmeliana.

Fechando a Seção Editorial, o texto de Arthur Bueno (Goethe-Universität Frankfurt am Main) “Racionalidade – Cultivo – Vitalidade”, propõe uma leitura da trajetória intelectual de Simmel que identifica três momentos distintos, apoiados sobre concepções particulares de antropologia filosófica. *Irrracionalidade, alienação e mecanização* seriam, para o autor, as patologias da cultura moderna que atuam como a contraparte negativa de cada uma dessas concepções, de modo que a convergência da noção simmeliana de alienação com o diagnóstico marxiano do fetichismo não passa despercebida.

A convergência entre Marx e Simmel é posta em evidência por Thomas Kemple (University of British Columbia) em “Fins

infinitos e o ritmo da vida” a partir da relação de cada pensador com o *tempo* nas sociedades modernas. Kemple delinea, apesar dos visíveis distanciamentos conceituais entre os autores da *Filosofia do dinheiro* e do *Capital*, um terreno comum às suas abordagens do valor e da reificação; e um ponto chave dessa convergência residiria precisamente na conversão de capital concebida como processo espaço-temporal de valorização e transvalorização da vida e do trabalho por meio do dinheiro e das máquinas.

Em “Simmel, Marx e o conceito radical de vida”, Spiros Gangas (The American College of Greece) traça se não a equivalência, ao menos uma afinidade entre o neokantismo de Simmel e o hegelianismo de Marx. Para tanto, o autor aplica uma lente normativa à perspectiva relacional de Simmel, mostrando como não há de sua parte necessariamente uma recusa da universalidade, tão importante para Hegel e Marx, mas antes a tentativa de mediar a universalidade com a individualidade. A noção relacional de *vida* adquire, aqui, um papel central na medida em que permitiria uma importante potencialização da visão emancipatória de Marx.

Em “Os que trabalham só por dinheiro”, Esteban Vernik (Universidad de Buenos Aires/Universidad Nacional de la Patagonia Austral) analisa este tipo característico da modernidade no campo da sociologia da alienação. A partir da descrição simmeli-ana daquelas profissões que, em lugar de oferecerem a possibilidade de realização pessoal, apenas permitem a obtenção de dinheiro de uma maneira totalmente inespecífica, o autor explora os efeitos alienantes da inversão entre meios e fins sobre

o estilo de vida do capitalismo moderno e traça a procedência desse fenômeno nas obras de Marx e Hegel. Vernik também defende, por meio de análises conceituais e empíricas, a atualidade dessa caracterização para a análise do capitalismo neoliberal atual.

No artigo “A sensorialidade capitalista em Karl Marx e Georg Simmel”, Olga Sabido-Ramos (Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco) procura revitalizar os diagnósticos de Marx e Simmel para o campo dos estudos sensoriais. A autora defende a complementaridade entre as abordagens dos autores para compreender o regime sensorial da sociedade capitalista, em que o corpo que sente e sofre no mundo do trabalho é o mesmo cujos sentidos são ao mesmo tempo superestimulados e anestesiados no âmbito do consumo.

Na seção de resenhas, Frederico Lopes (Universidade Federal de Minas Gerais) analisa a tradução para o português de *Os despossuídos: Debates sobre a lei referente ao furto de madeira*, de Marx, publicada recentemente pela editora Boitempo. Marx discute a legitimidade da noção e propriedade e sua relação com o Direito neste texto de 1842, importante período de transição do filósofo alemão do liberalismo de esquerda para o materialismo histórico.

O volume conta ainda com versões em português, traduzidas diretamente do alemão, de dois textos de Simmel, da introdução de Gerald Hubmann e Ulrich Pagel à nova edição da *Ideologia alemã*, de Marx e Engels, e de um curto escrito de Lukács a respeito de Simmel por ocasião da morte do filósofo em 1918.

Tornou-se um lugar comum apontar que o hegelianismo de Marx se apresenta como um dos empecilhos à sua compatibilidade com o neokantismo de Simmel, mesmo não sendo tão numerosos os textos em que o próprio autor detalha seu posicionamento frente à filosofia de Hegel. É o caso, porém, de “O problema do devir na filosofia hegeliana”, escrito em 1910 como parte do livro *Hauptprobleme der Philosophie* e republicado no ano seguinte no periódico *Allgemeine Deutsche Lehrerzeitung*. Traduzido por Mariana Teixeira (Freie Universität Berlin), o texto explora a filosofia hegeliana do devir e evidencia a sua trágica contradição: afinal, “A verdade de que tudo flui é ela mesma fluida, também ela está fadada, pela lei que ela mesma proclama, a ser substituída por uma outra”. Já “A transcendência da vida”, traduzido por Laura Luedy e Hyury Pinheiro (Universidade Estadual de Campinas), é o primeiro capítulo do último livro de Simmel, *Lebensanschauung* (1918). Nele, o autor traça as principais características da noção de *vida*, central nessa fase final de sua extensa produção teórica. Aqui, a essência da vida aparece como o contínuo transcender de seu próprio limite – certamente uma dificuldade lógica que Simmel agora, porém, não mais rejeita mas antes abraça.

A “Introdução (editorial) da *Ideologia alemã*”, de Gerald Hubmann e Ulrich Pagel, está presente em *Deutsche Ideologie: Zur Kritik der Philosophie, Manuskripte in chronologischer Anordnung* (2018) no âmbito da nova edição completa das obras de Marx e Engels (*Marx-Engels Gesamtausgabe*, a MEGA2). Com tradução e introdução de Olavo Antunes de Aguiar Ximenes (Universidade Estadual de Campinas), o texto sintetiza as princi-

pais novidades desta aguardada edição crítica, cujo impacto sobre a recepção do projeto *Ideologia alemã* certamente ainda se fará sentir. O mesmo tradutor nos traz também o texto “Os primórdios de ‘modo de produção’ de Karl Marx”, em que Sarah Johnson (University of Chicago) rastreia as implicações dessa nova edição para o conceito de modo de produção e argumenta que, em lugar de uma teoria geral do processo histórico, Marx buscava nesses textos compreender a natureza das épocas individuais, particularmente a atual.

A diversidade de temas e perspectivas reunidos no dossiê *Marx & Simmel: 1818 – 1918 – 2018* atesta não só o potencial ainda não esgotado de sinergia entre a obra desses pensadores, mas também a relevância de sua atualização para uma compreensão da vida capitalista do presente e suas patologias.

## **Seção livre**

Na seção livre do presente volume, Letícia Machado Spinelli (Universidade Franciscana) discute a crítica de Iris Young à teoria do reconhecimento de Axel Honneth no artigo “Reconhecimento e complementariedade de gênero”, mostrando como, ao tratar dos temas do amor e do cuidado no trabalho doméstico, o autor permaneceria ainda fortemente vinculado às concepções de Rousseau e Hegel acerca dos papéis complementares de gênero. Felipe Catalani (Universidade de São Paulo) resenha *Adorno’s Practical Philosophy: Living Less Wrongly*, de Fabian Freyenhagen (University of Essex), apontando o descompasso entre a matéria e a forma desse livro de 2013 sobre a concepção

adorniana de normatividade e a possibilidade de uma vida “menos falsa”. Por fim, temos um texto recente do próprio Fabian Freyenhagen, traduzido por Ivan Rodrigues (Universidade Federal de Santa Catarina), acerca da questão “O que é teoria crítica ortodoxa?”. Diferentemente de Georg Lukács, que um século antes havia identificado no método a ortodoxia do marxismo, Freyenhagen defende que a teoria crítica não carece nem de um método, nem de um programa de fundamentação particulares para ser realmente crítica, mas antes apenas o interesse em abolir a injustiça social, a miséria e a falta de liberdade.

A todas e todos, desejamos uma proveitosa leitura.